

Entrevista com o poeta, tradutor e crítico literário, Fernando Py, no ano em que completa cinquenta anos de poesia.

**RV:** Sr Fernando, como começou sua relação com a Literatura?

**Py :** Minha relação com a Literatura começou quando eu ainda era bem pequeno. Meu pai costumava recitar poesias antes de dormirmos . Depois de adolescente fui pesquisando os autores que ele lia, li romances, contos, mas a poesia, sem dúvida, foi a que me marcou.

**RV :** Pedro Lyra no livro Sincretismo: a poesia da geração 60 (Fortaleza: Topbooks,1995) afirma que o papel de cada geração é “superar a outra, no sentido dialético de conduzir para a frente e para cima”. Qual foi, na sua opinião, o papel da sua geração?

**Py :** A poesia de 60 se iniciou quando o Concretismo estava em alta e deu um subproduto chamado Poema-Processo, de alguns concretos que priorizaram o objeto em vez da palavra, quer dizer, faziam a ação que eles achavam que era poesia , mas com os objetos. Eu cheguei a ver um desses, onde cubos e paralelepípedos se cruzavam dançando num processo e isso, para eles, era a poesia por processo. Na minha opinião, isso foi uma interpretação equivocada ou exagerada. Quando Malarmed afirma que um poesia se faz com palavras e, não com idéias, ele quis dizer que a palavra para um poema, é mais importante do que a idéia que originou esse poema. Mas os concretos levaram isso a um extremo, abolindo o verso em função da palavra, jogos com palavras... Como no poema Beba Coca-Cola, Décio Pignatari joga com as palavra e acaba com cloaca, que até certo modo é político, é uma forma de renegar ,chamar de lixo, de excremento. A vantagem é que alguns não se prenderam a isso e continuaram a usar o verso. A minha geração privilegiou o verso. Marly de Oliveira, Gilberto Mendonça Teles, Reinaldo Valinho Álvares, grandes poetas da geração de 60, embora tenham sido combatidos pelos adeptos da Poesia Concreta. A partir dos anos 70 alguns concretistas passaram a fazer versos porque, no início de sua carreira o fizeram. A geração de 60 esfolheu o verso , no meu modo de ver, a contribuição foi admitir várias maneiras de fazer verso sem forma fixa.

**RV:** Um poeta consegue viver de suas poesias? O mercado brasileiro é um bom consumidor ?

**Py:** Não só o brasileiro, mas nenhum mercado é bom. Atribuo isso a uma dificuldade de se compreender a metáfora. Dante não usa metáfora quase. Na “Divina Comédia” é uma autopoesia. Mas o que acontece? Às vezes o poeta coloca uma palavra que ele talvez não se percebe bem. No “Antiuniverso” eu fiz questão de não colocar nenhum dado de ficção científica ou religioso, no entanto, um rapaz descobriu um trecho que poderia ser considerado espírita, sem que eu tivesse a intenção de o fazer. Se colocarmos uma mesma poesia diante de cem leitores, haverá noventa e nove impressões diferentes da do autor. Então, isso é que contribui para a dificuldade de compreender a poesia. Fica difícil ao público comum compreender isso.

**RV :** Deveria haver melhor do uso das palavras por parte de quem lê, a fim de adquirir uma melhor compreensão ?

**Py :** Isso se faz pela leitura. Assim como o gosto se educa, é pela leitura que se adquire esta apropriação, basicamente pela leitura de bons romancistas, bons poetas, até de um

bom ensaísta é possível adquirir. Eu, por exemplo, tenho um poema chamado Sentimento da Morte em que uma pessoa fala de si mesmo já morta. Tive esta idéia quando li o romance de Juan Rulfo, mexicano, no seu livro Pedro Páramo que conta também com a história de um morto que conta sua história. Tive a idéia de fazer o poema em duas partes. Levei cinco anos para fazê-lo!

**RV:** O senhor acredita que educar o gosto pela poesia é papel da família, da escola ?

**Py:** Se a pessoa vive numa família sem problemas, bem constituída, a própria família contribui. No meu caso, por exemplo, meu pai gostava muito de poesia, lia muita poesia conhecia muitos poetas. Ele foi amigo de Mário Quintana. Permaneceram amigos durante a vida inteira. Recitava Guilherme de Almeida, Bilac. Isso educou o meu ouvido, o meu gosto.

**RV:** “Antiuniverso”, poema épico, foi escrito em quanto tempo?

**Py:** Na virada de 69 para 70 eu pensei na idéia de fazer um poema com Astronomia e que também fosse narrativo. Em 72 Flávio Moreira da Costa entrevistou o físico Jayme Flêmino, na revista Manchete e, o título apareceu a palavra antiuniverso, que é usada para fazer referência ao buraco negro. Imaginei um pensamento onde saía pelo sistema Solar, pelo universo até encontrar um buraco negro. Mas isso foi em 72. Em 74 ,escrevi a primeira parte do canto I sem as modificações que fiz posteriormente. Em julho de 78, foi publicado o canto I, na Revista Alguma Poesia, sem as modificações que fiz posteriormente. O canto II foi escrito um ano depois. Quando comecei a escrever o canto V é que percebi que estava dominando a expressão da linguagem que eu queria. Terminei tudo em novembro de 1990. Ao todo, foram dezesseis anos. É certo que eu fiquei onze anos sem escrever nada. Somente após a passagem do cometa Halley, em fevereiro de 1986 é que eu recomecei a escrevê-lo. Isto por que com 13 anos, eu havia lido um livro em espanhol que tinha a informação de que o cometa Halley passou em 1910 e voltaria em 1986. Fiquei esperando e calculando quantos anos eu teria. Foi uma alegria imensa quando isso aconteceu. A repercussão do livro foi ótima! Muito mais do que eu esperava.

**RV:** Quais devem ser os atributos de um poeta?

**Py:** O poeta já nasce com o gosto. É claro que deve ser aprimorado com a leitura. Deve também ter uma autocrítica bem apurada. Quando comecei a escrever, aos dezenove anos, mostrei os poemas ao meu pai e ele disse, continua lapidando.É preciso apurar.

**RV:** Qual mensagem gostaria de deixar aos leitores ?

**Py:** É preciso ler muito. Ler os grandes poetas, os grandes escritores .